



**Fondation
Lilian
Thuram**

Éducation
contre
le racisme

www.thuram.org



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

Próximo Next
futuro future

**AS MINHAS
ESTRELAS
NEGRAS**
DE LUCY A BARACK OBAMA

**AS MINHAS
ESTRELAS
NEGRAS**

DE LUCY A BARACK OBAMA

LILIAN THURAM

EM COLABORAÇÃO COM
BERNARD FILLAIRE

ILUSTRAÇÕES
VERA TAVARES

TRADUÇÃO
SUSANA SOUSA E SILVA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X X I

ÍNDICE

© 2013, Lilian Thuram
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152
1.º andar, escritório 10
1750-149 Lisboa
Têls.: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *As Minhas Estrelas Negras.*
De Lucy a Barack Obama
Autor: Lilian Thuram
Tradução: Susana Sousa e Silva
Ilustrações: Tinta-da-china
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Setembro de 2013
1.ª edição de bolso: Abril de 2021

ISBN 978-989-671-607-3
Depósito Legal n.º 481959/21

INTRODUÇÃO	15
A Nossa «Avó» Africana	19
<i>Lucy</i>	
Os Faraós Negros.....	25
<i>Tabarka</i>	
Um Sábio da Grécia Antiga.....	35
<i>Esopo</i>	
«Todas as Vidas São Uma Vida...».....	41
<i>Os caçadores do Mande</i>	
O Orgulho e a Coragem de Uma Rainha.....	47
<i>Ana Nzinga</i>	
A Combatente pela Renovação	55
<i>Dona Beatriz</i>	
O General do Exército Imperial Russo	65
<i>Abraham Petrovich Hanibal</i>	
Um Filósofo Oriundo do Gana.....	69
<i>Anton Wilhelm Amo</i>	

O Músico Iluminista	75	O Primeiro Homem a Chegar ao Pólo Norte	175
<i>Cavaleiro de Saint-Georges</i>		<i>Matthew Henson</i>	
«Arrancai Comigo a Árvore da Escravatura»	83	Um Turbilhão sobre Duas Rodas.....	181
<i>Toussaint-Louverture</i>		« <i>Major Taylor</i> »	
O Libertador do Haiti.....	101	O Inferno dos Jardins Zoológicos Humanos.....	185
<i>Jean-Jacques Dessalines</i>		<i>Ota Benga</i>	
A Poetisa do Paraíso Perdido.....	107	Back-to-Africa	193
<i>Phillis Wheatley</i>		<i>Marcus Mosiah Garvey</i>	
O Juramento dos Antepassados.....	113	«Descansar nunca, Combater sempre, Matar sempre, Negros!»	203
<i>Guillaume Guillon Lethière</i>		<i>Thierno Diop, Oujaran Ollian, Siriki Kone, Dyne Sylla, Tiemcoumba</i>	
«E Aparece Um Punho a Rasgar o Nevoeiro»	117	O Campeão do Mundo	213
<i>Louis Delgrès & Solitude</i>		« <i>Battling Siki</i> »	
«E não Serei Eu Uma Mulher?»	129	A Libelinha Negra	223
<i>Sojourner Truth</i>		<i>Panama Al Brown</i>	
O Maior Poeta Russo	135	A Pluma da Ira	229
<i>Alexandre Pouchkine</i>		<i>Richard Nathaniel Wright</i>	
O Primeiro Negro Americano Candidato à Presidência	141	O Resistente Que não Falou.....	241
<i>Frederick Douglass</i>		<i>Addi Bâ</i>	
A Guia para a Liberdade	151	Descobridores de Génio	251
<i>Harriet Tubman</i>		<i>Cientistas, inventores, investigadores</i>	
Contra a Invenção das Raças.....	159	«Estranho é o Fruto Que Nasce nas Árvores do Sul».....	259
<i>Joseph Anténor Firmin</i>		<i>Billie Holiday</i>	
O Primeiro «Preto» Negro da Politécnica.....	169		
<i>Camille Mortenol</i>			

«Sou a Nossa Hora»	265
<i>Aimé Césaire</i>	
Devolver África aos Seus Filhos	277
<i>Patrice Émery Lumumba</i>	
Pele Negra, Máscaras Brancas	291
<i>Frantz Fanon</i>	
A Faísca.....	303
<i>Rosa Louise McCauley Parks</i>	
A Liberdade ou a Morte	313
<i>Malcolm X</i>	
Um Sonho Que Mudou o Mundo.....	323
<i>Martin Luther King</i>	
O Militante do Povo Africano.....	337
<i>Mongo Beti</i>	
«Sou Hiper-Rápido! Combato com o Cérebro»	347
<i>Muhammad Ali</i>	
Aquele Que Ousou Erguer o Punho.....	355
<i>Tommie Smith</i>	
De Dez Mil Dias na Prisão à... Presidência	363
<i>Rolihlabla Nelson Mandela</i>	
O Viajante Interplanetário.....	377
<i>Cheick Modibo Diarra</i>	
A Voz dos Que não Têm Voz.....	387
<i>Mumia Abu-Jamal</i>	

O Que o Rap nos Grita	397
<i>Tupac Amaru Shakur</i>	
A Estrela da Esperança.....	409
<i>Barack Hussein Obama</i>	
Não, Este Mapa não Está ao Contrário.....	421
Palavras Que Libertam o Futuro	425
BIBLIOGRAFIA	431
AGRADECIMENTOS	437
NOTA BIOGRÁFICA	439

À minha primeira estrela, a minha mãe Marianna

Às minhas irmãs, Martine e Liliana

Aos meus irmãos, Gaëtan e Antonio

Aos meus filhos, Marcus e Khephren

A Alya e a Karine

E às crianças de todo o mundo

INTRODUÇÃO

Em que momento do vosso percurso escolar ouviram falar dos negros pela primeira vez? Sempre que faço esta pergunta, a grande maioria, senão a totalidade, dos meus interlocutores responde: a propósito da escravatura.

Lembro-me da primeira vez que me falaram deste tema, na escola. Eu era o único aluno negro da turma e fiquei de tal forma chocado que me interroguei sobre qual teria sido a história dos meus antepassados antes da escravatura. Senti-me rotulado, marcado com um ferro em brasa, sozinho, diante de uma turma que eu via agora com outros olhos e que, provavelmente, passara também a encarar-me de maneira diferente, e não me atrevi a fazer a pergunta. Para mim, a escravatura resumia-se a isto: «Os brancos reduziram os negros à escravatura.»

Para compreender a minha reacção, o leitor tem apenas de se colocar no meu lugar. Imagine um jovem branco que, ao longo da sua escolaridade, não ouve uma única referência a um cientista branco, a um soberano, revolucionário, filósofo, artista, escritor ou escritora da sua cor! Pense num universo onde tudo o que é belo, profundo, delicado, sensível, original, puro, bom, subtil e inteligente é invariavelmente negro, e onde Deus, o Ser Supremo, também é negro. Imagine a sua perturbação. A criança interrogar-se-ia sobre se um branco alguma vez teria feito alguma coisa de bom, até que um dia, o programa escolar lhe ensinaria, finalmente, algo sobre si própria: «Os teus antepassados eram escravos.» Uma informação tão simples como esta, com uma

introdução à História nestes termos, só poderia inferiorizá-la. Que exemplo para o futuro, que visão de si própria!

No meu caso, à medida que os anos passavam, as perguntas avolumavam-se. Ouvia os adultos negros conversarem entre si e afirmarem com absoluta certeza que os brancos eram racistas e que jamais deixariam de o ser.

Ao longo da minha vida, tive a sorte de conhecer pessoas que, à sua maneira, me ofereceram as chaves de que necessitava para compreender a História e descobrir outras grandes figuras da humanidade além das que costumam figurar nos manuais escolares, em especial as estrelas negras, cujo trabalho, grandiosidade e obra são, muitas vezes, desconhecidos.

Percebi que a escravatura não foi um confronto entre negros e brancos, mas um sistema económico, uma actividade metódica, organizada, uma transacção de seres humanos cuidadosamente planeada. Os próprios brancos conheceram a condição de escravos ao longo da História, e a prová-lo está a origem do termo «escravo», que deriva do nome de uma região da Europa de Leste, a Eslavónia.

Desloco-me frequentemente a escolas para falar sobre o racismo e costumo perguntar aos alunos quantas raças existem. «Quatro», respondem eles, lamentavelmente: «A branca, a negra, a amarela e a vermelha.» É este o fundamento do racismo. É absurdo que as crianças continuem a desconhecer que existe apenas uma espécie de Homem, o *Homo sapiens*. Também costumo perguntar-lhes que qualidades atribuem a essas pretensas raças e obtenho respostas do género: «Os negros são bons em desporto, sabem dançar e cantar bem...»

Hoje, que outra ilação podemos tirar a não ser a de que a tarefa da educação continua por se cumprir? E, no entanto, se observarmos as sociedades em que vivemos, como poderemos culpar as crianças? Estas representações permanecem inscritas no nosso

imaginário colectivo. As mentalidades só terão evoluído no dia em que, nos manuais e nos cartazes afixados nas escolas, figurarem cientistas, inventores... de todas as cores, no dia em que for ensinada a história das grandes civilizações africanas, asiáticas ou ameríndias, como as do Mali, as da Índia ou as do México.

Se queremos realmente mudar a nossa sociedade e combater o racismo, a discriminação positiva ou o comunitarismo não são o caminho a seguir. Só uma mudança de imaginário poderá aproximar-nos e derrubar as barreiras culturais que nos separam. Só então será possível transpor o grande obstáculo que se esconde por detrás de termos e expressões como «minorias visíveis», «diversidade» — os «vós» e os «nós» determinados pela cor da pele.

Enquanto formos reféns da ideologia científica do século XIX, que classificou os homens e as mulheres como «superiores» e «inferiores», não conseguiremos compreender que a alma negra, o povo negro, o pensamento negro são tão reais como a alma branca, o povo branco ou o pensamento branco. São meras construções intelectuais. O negro não é mais do que o branco e este não é mais do que o negro, não existe uma missão negra, nem um fardo branco, nem uma ética negra, nem uma inteligência branca. Não há uma história negra e uma história branca. É necessário reavaliar todo o passado do mundo a fim de nos compreendermos melhor e de prepararmos o futuro dos nossos filhos. Espero contribuir para isso com este livro.

A NOSSA «AVÓ» AFRICANA

LUCY

3180 000 ANOS

Temos uma só origem. Somos todos africanos, nascidos há três milhões de anos, e isto deveria incitar-nos à fraternidade.

YVES COPPENS

A minha narrativa sobre a longa marcha da mulher e do homem negros só poderia iniciar-se com o Primeiro Homem, já que, como é reconhecido por todos os investigadores, o homem nasceu em África. Os oitenta mil milhões de *Homo habilis*, *erectus*, *sapiens*... que existiram até ao presente têm uma origem comum, pelo que falar dos negros significa falar das mulheres e dos homens de todas as cores, uma ideia que corrobora o projecto do meu livro.

Agrada-me o *Homo*, seja o *habilis* (o primeiro), o *erectus* (o segundo) ou o *sapiens* (o moderno), porque ele simboliza um espírito cheio de curiosidade, engenho e descoberta. No entanto, é necessário recuar até ao período dos pré-humanos e de Lucy, nascida na África Oriental há 3 180 000 anos, pois ela representa, para nós, o conjunto das épocas pré-históricas.

De acordo com a classificação científica, Lucy não era seguramente um ser humano, mas integra o viveiro das espécies que originaram a humanidade. É «uma das flores do ramo» pré-humano. Lucy é a mascote da humanidade, a avó simbólica de todos nós, apesar de já ter sido ultrapassada em antiguidade por um fóssil queniano com 6 milhões de anos, por outro, etíope, com 5,7 milhões de anos e ainda por um chamado Tūmai, descoberto no Chade, que viveu há cerca de 7 milhões de anos.

Interessado em saber mais sobre Lucy, encontrei-me com Yves Coppens, professor no Collège de France e um dos seus descobridores, juntamente com Donald Johanson e Maurice Taïeb. Yves Coppens, que além de investigador é também pedagogo e contador de histórias, define a história de Lucy como a «história da história da heroína da história da história do Homem», um grande conto iniciático que nos ensina muito acerca de nós próprios e que nos situa no devido lugar, na tabela dos tempos imemoriais.

«No centro de um rectângulo a céu aberto, com dez metros por dois e escavado por acção das águas pluviais, afloravam dezenas de pequenos fragmentos de osso que pareciam prefigurar o esqueleto quase completo de um único indivíduo.» A descoberta deste primeiro fóssil, no dia 24 de Novembro de 1974, nas colinas de Afar, na Etiópia, permanece na memória dos cientistas como um acontecimento inesquecível.

Ao fim do dia em que foi encontrado este maravilhoso testemunho, que resistiu milagrosamente aos predadores, às pressões, à erosão e à destruição, Yves Coppens e os seus colegas procediam à marcação do seu achado, na tenda onde habitualmente classificavam os fósseis. A ocasião foi comemorada com champanhe. Um dos elementos do grupo pôs uma cassette dos Beatles no gravador e todos começaram a cantar *Lucy in the Sky with Diamonds*. Lucy! Este nome curto, carinhoso e familiar, agradou imediatamente a todos e assim foi baptizada a descoberta. Era um nome mais melodioso e mais fácil de pronunciar do que o de catálogo, AL 288, ou do que *Australopithecus afarensis*, a sua designação científica. Os etíopes que integravam a expedição chamaram-lhe *Birkinesh*: «És maravilhosa.»

Como podemos descrever Lucy, a primeira estrela negra deste livro? Cinquenta e dois pequenos ossos identificáveis, cinquenta e dois fragmentos que bastaram para decifrar e compreender o que foi a sua vida. Depois de os montarem de maneira a reconstruir

uma silhueta, os investigadores ficaram com uma ideia da idade dela, da altura, do peso, do tipo de marcha, dos gestos e da voz que a caracterizavam, descreveram o seu regime alimentar, a sua vida social e as circunstâncias em que ocorreu a sua morte...

Lucy media 1,20 metros de altura e pesava entre 20 e 25 quilos. A curvatura da coluna vertebral confirmava que conseguia manter-se na posição erecta. Era bípede, caminhava! A confirmação foi fornecida pela descoberta, no norte da Tanzânia, de um conjunto de pegadas de dois indivíduos caminhando lado a lado, datadas de uma época anterior em algumas centenas de milhares de anos àquela em que Lucy viveu. Os vestígios revelaram ainda que tinha os tornozelos estreitos e os dedos encurvados...

Em termos mais exactos, Lucy deslocava-se em passos curtos e rápidos e tinha uma marcha balanceada devido à instabilidade das articulações da anca. Na verdade, caminhava como um ser humano e trepava às árvores como um macaco, árvores onde permanecia suspensa durante metade do tempo.

A laringe não descera o suficiente para lhe permitir dominar a fala, pelo que se exprimia na linguagem dos símios e emitia gritos modulados quando precisava de alertar os seus congéneres. O padrão de desgaste dos dentes permitiu calcular que teria vivido numa zona de savana arborizada, onde se alimentava de frutos ou de rebentos, além de raízes e tubérculos e até de insectos ou de carcaças de pequenas dimensões.

Lucy integrava um grupo constituído por uma dezena de indivíduos que controlava um território, frequentemente hostil, com uma área entre dez e noventa quilómetros quadrados. Graças à sua astúcia e habilidade, conseguia escapar aos dentes recurvos do *Machairodus* (uma espécie de felino) e às presas dos *Dinotheriums* (uma espécie de elefante).

Lucy foi, pois, uma «mulher», como comprova a anatomia óssea da sua bacia, e uma «mulher negra». Para a proteger da extrema

agressividade dos raios ultravioleta emitidos pelo Sol da África tropical, a sua pele, provavelmente desprovida de pêlos, segregava uma quantidade significativa de melanina, um pigmento castanho-escuro. Não existe o branco, nem o amarelo, nem o negro. Existe uma cor única, o castanho, cujo espectro varia entre uma tonalidade mais clara, quando a produção de melanina é baixa, e uma tonalidade mais escura, quando a mesma é elevada. A pele é uma protecção biológica que varia em função da capacidade de absorção de raios UV pelos nossos corpos.

No fundo, não há nada mais simples e natural do que esta bela cor que tanta tinta e tanto sangue tem feito correr. O único inconveniente seria ter uma pele muito clara num país com muito sol, ou uma pele muito escura num país sem luminosidade, pois isso resultaria em carências de vitamina D durante a fase de crescimento das crianças.

No que diz respeito ao cabelo, podemos imaginar que o de Lucy era denso e em carapinha. Nos países quentes, os cabelos ajudam a fixar a água resultante da transpiração do couro cabeludo e a reduzir a desidratação. Nos países frios, o cabelo é mais liso, mais esticado e espaçado, para que a água possa circular.

Se nos abstrairmos do invólucro corporal de um ser humano e penetrarmos no interior do seu corpo, seremos incapazes de determinar a sua origem. Seja qual for a cor, ele será sempre constituído por 639 músculos, 5 litros de sangue e apresentará 99,9 por cento de semelhanças genéticas com todos os seus congéneres.

Calcula-se que oitenta mil milhões de humanos tenham surgido na Terra desde a origem da nossa espécie. À excepção dos gémeos verdadeiros, nenhum deles revelou possuir o mesmo património genético, ou seja, cada um é um ser único. Se aplicarmos o mesmo raciocínio a todos os traços variáveis do património genético humano, facilmente concluiremos que é possível encontrar um número de indivíduos diferentes muito superior à quantidade de

átomos existentes no universo (10^{80})! Assim, todos os que insistem em falar de raças deveriam, na verdade, referir que existem hoje «sete mil milhões de raças humanas distintas».

A coincidência de certas variantes genéticas, seja qual for o nosso aspecto físico, é explicada pelo facto de sermos todos progenitores e de a totalidade das populações humanas partilhar os mesmos antepassados longínquos. Os nossos genes são cópias dos genes dos primeiros humanos.

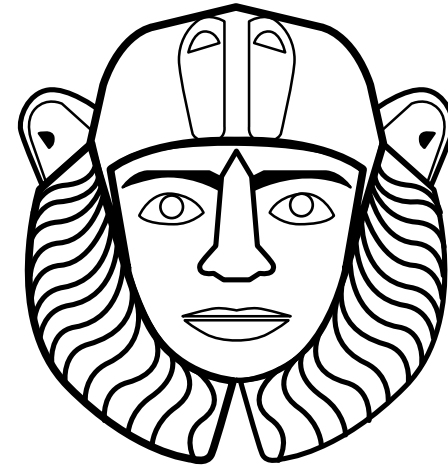
Depois de gerar meia dúzia de descendentes, ou quem sabe até uma dúzia deles, e de ter tido uma vida bastante preenchida, Lucy faleceu com vinte anos, uma idade avançada para uma época em que se atingia a maturidade aos dez. Ter-se-á afogado num pântano por fraqueza, por imprudência, vitimada por um acto de traição ou de forma puramente fortuita? Atestam os cientistas que uma coisa é certa: Lucy morreu por afogamento. Os necrófagos não dispersaram os seus ossos e a sua «sepultura» natural sobreviveu rodeada pelos sedimentos de lagos e rios.

O tempo passou. Desde a morte de Lucy, acumularam-se camadas sucessivas de sedimentos, e os descendentes de várias gerações de progenitores herdaram novas combinações das suas variantes genéticas. O crânio dos filhos dos filhos de Lucy evoluiu até adquirir as características do *sapiens*, e, com uma frequência cada vez maior, foram deixando o seu berço africano para se arriscarem para lá da savana. Embrenharam-se nas florestas, cruzaram os mares, atravessaram desertos e escalaram montanhas. Sempre que uma colina se erguia diante deles, tinham vontade de a subir e, uma vez chegados ao cume, desejavam prosseguir e ver mais além. E foi assim que os filhos de Lucy se multiplicaram e se espalharam por toda a Terra, até ao aparecimento do homem moderno, esse «emigrante africano».

OS FARAÓS NEGROS

TAHARKA

REINADO DE 690 A 664 A. C.



E se o imaginário da grande maioria das pessoas fosse diferente, se fosse negro e povoado por grandes personagens como os faraós? Decidi dar a um dos meus filhos o nome de um faraó do Império do Antigo Egito, Khephren*, pois desejava transmitir-lhe uma perspectiva mais vasta da História. Para que, através do seu nome de baptismo, soubesse que a história dos povos negros não se resume à escravatura.

Em 2003, no sítio arqueológico de Doukki Gel, na Núbia, o egiptólogo Charles Bonnet descobriu um fosso com sete estátuas

* Em português, Quéfren. (N. da. t.)

BIBLIOGRAFIA

- AAVV, *Soudan, Royaumes sur le Nil*, Flammarion, 1997.
- ABDELOUAHAB, Farid; BLANCHARD, Pascal (coord.), *Grand-Ouest: Mémoire des outre-mers*, Presses Universitaires de Rennes, 2008.
- ABÉLAÏDE-MERLANDE, Jacques; BÉLÉNUS, René; RÉGENT, Frédéric, *La Rébellion de la Guadeloupe, 1801-1802*, Gourbeyre, 2002.
- ABU-JAMAL, Mumia, *Une vie dans le parti des Black Panthers*, Le Temps des cerises, 2006.
- ANTOINE, Yves, *Inventeurs et Savants noirs*, L'Harmattan, 1998.
- BÂ, Amadou Hampâté, *Amkoullel, l'enfant peul. Mémoires I*, Actes Sud, 1991.
- BÂ, Amadou Hampâté, *Oui mon commandant! Mémoires II*, Actes Sud, 1994.
- BÂ, Amadou Hampâté, *Contes initiatiques peuls*, Stock, 1994.
- BANCEL, Nicolas; BLANCHARD, Pascal; BOUBEKER, Ahmed; DEROO, Éric (coord.), *Frontière d'empire, du Nord à l'Est. Soldats coloniaux et immigrations des Suds*, La Découverte, 2008.
- BANCEL, Nicolas; BLANCHARD, Pascal; BOËTSCH, Gilles; DEROO, Éric; LEMAIRE, Sandrine (coord.), *Zoos humains. Au temps des exhibitions humaines*, La Découverte, 2002.
- BERNAL, Martin, *Black Athena. Les racines afro-asiatiques de la civilisation classique*, PUF, 1999.
- BERTHÈS, Colette; FILLAIRE, Bernard, *La Machine à tuer*, Les Arènes, 2000.
- BÉTHUNE, Christian, *Le Rap, une esthétique hors la loi*, Autrement, 2003.
- BETI, Mongo, *Main basse sur le Cameroun, autopsie d'une décolonisation*, Maspero, 1972.
- BETI, Mongo, *La France contre l'Afrique. Retour au Cameroun*, La Découverte, 1993.
- BETI, Mongo; TOBNER, Odile, *Dictionnaire de la négritude*, L'Harmattan, 1989.
- BLANCHARD, Pascal; MANCERON, Gilles; DEROO, Éric, *Le Paris noir*, Hazan, 2001.
- BONNET, Charles; VALBELLE, Dominique, *Des pharaons venus d'Afrique*, Citadelles & Mazenod, 2005.
- BRAECKMAN, Colette, *Lumumba, un crime d'État*, Aden, 2009.
- BRAFLAN-TROBO, Patricia, *Société post-esclavagiste et management endogène. Le cas de la Guadeloupe*, L'Harmattan, 2009.

- BRETAGNE, Jean-Marie, *Battling Siki*, Philippe Rey, 2008.
- BRETON, André, *Martinique, charmeuse de serpents*, Pauvert, 1972.
- CACHIN, Olivier, *Cent albums essentiels du rap*, Scali, 2006.
- CÉSAIRE, Aimé, *Discours sur le colonialisme*, Présence africaine, 1955.
- CÉSAIRE, Aimé, *Toussaint-Louverture. La Révolution française et le Problème colonial*, Présence africaine, 1962.
- CÉSAIRE, Aimé, *Une saison au Congo*, Seuil, 1966 ; «Points», 2001.
- CEYRAT, Antony, *Jamaïque. La construction de l'identité noire depuis l'indépendance*, LHarmattan, 2009.
- CHERKI, Alice, *Frantz Fanon, portrait*, Seuil, 2000.
- CLARK, Kenneth B., *Nous, les Nègres*, La Découverte, 1963.
- CONDÉ, Maryse, *La Civilisation du bossale*, LHarmattan, 1978.
- CONDÉ, Maryse, *An tan revolisyon*, Conselho Regional de Guadalupe, 1989.
- COPPENS, Yves, *Le Genou de Lucy*, Odile Jacob, 1999.
- COPPENS, Yves; REEVES, Hubert; ROSNAY, Joël de; SIMONNET, Dominique, *La plus belle histoire du monde*, Seuil, 1996.
- CORDIER, Daniel, *Jean Moulin*. Tomo 2, *Le Choix d'un destin*, Lattès, 1989.
- DAMAS, Léon-Gontran, *Pigments*, pref. de Robert DESNOS, Guy Lévy Mano, 1937 ; reed. Présence africaine, 1962.
- DAMIS, Christine, «Le philosophe connu pour sa peau noire: Anton Wilhelm Amo», *Rue Descartes*, n.º 36, 2002.
- DAVIDSON, Basil, *L'Afrique avant les blancs*, PUF, 1962.
- DEGRAS, Jean-Claude, *Mortenol, le capitaine des vents*, New Legend, 2004.
- DE WITTE, Ludo, *L'Assassinat de Lumumba*, Karthala, 2000.
- DIARRA, Cheick Modibo, *Navigateur interplanétaire*, Albin Michel, 2000.
- DIOP, Boubacar Boris, *L'Afrique au-delà du miroir*, Philippe Rey, 2007.
- DIOP, Cheikh Anta, *Nations nègres et culture*, Présence africaine, 1954.
- DIOP, Cheikh Anta, *Civilisation ou barbarie*, Présence africaine, 1981.
- DIOP-MAES, Louise-Marie, *Afrique noire, démographie, sol et histoire*, Présence africaine, 1996.
- DORIGNY, Marcel e ZINS, Max-Jean (coord.), *Les traites négrières coloniales, Histoire d'un crime*, Cercle d'Art, 2009.
- DUBOIS, Laurent, *Les Vengeurs du Nouveau Monde. Histoire de la révolution haïtienne*, Les Perséides, 2005.
- DURPAIRE, François; RICHOMME, Olivier, *L'Amérique de Barack Obama*, Dermopolis, 2007.
- DUVAL, Eugène-Jean; RIVES, Maurice, *Pour une parcelle de gloire oubliée. Les tirailleurs sénégalais pendant les conflits du XX^e siècle*, brochura registada na BNF em 2006.
- EQUIANO, Olaudah, *Ma véridique histoire*, Mercure de France, 2008.
- FABRE, Michel, *Esclaves et Planteurs*, Julliard, 1970.

- FABRE, Michel, *Richard Wright, la quête inachevée*, Lieu commun, 1986.
- FANON, Frantz, *Les Damnés de la terre*, Maspero, 1961.
- FANON, Frantz, *Peau noire, masques blancs*, Seuil, 1952.
- FARRAUDIÈRE, Sylvère, *L'École aux Antilles, le rendez-vous manqué de la démocratie*, LHarmattan, 2008.
- FISHER-BLANCHET, Inez, *Capitaine de vaisseau Mortenol: croisières et campagnes de guerre, 1882-1915*, LHarmattan, 2001.
- FOFANA, Aboubakar (caligr.); TATA CISSÉ, Youssouf (trad.), *La Charte du Mandé et autres traditions du Mali*, Albin Michel, 2003.
- GALEANO, Eduardo, *Sens dessus dessous. L'école du monde à l'envers*, Homnisphères, 2004.
- GASSAMA, Mahkily (coord.), *L'Afrique répond à Sarkozy. Contre le Discours de Dakar*, Philippe Rey, 2008.
- GAUTIER, Arlette, *Les Sœurs de Solitude, la condition féminine dans l'esclavage aux Antilles du XVII^e au XIX^e siècle*, LHarmattan, 1985.
- GENDZIER, Irène, *Frantz Fanon*, Seuil, 1973.
- GNAMMANKOU, Dieudonné, *Abrabam Hanibal, l'aïeul noire de Pouchkine*, Présence africaine, 1998.
- GNAMMANKOU, Dieudonné, *Pouchkine et le Monde noir*, Présence africaine, 1999.
- GNAMMANKOU, Dieudonné; MODZINOU, Yao (coord.), *Les Africains et leurs descendants en Europe avant le XX^e siècle*, MAT, 2006.
- GOULD, Stephen Jay, *La Malmesure de l'homme*, Ramsay, 1983.
- GRÉGOIRE, Abade, *De la littérature des nègres, ou Recherches sur leurs facultés intellectuelles, leurs qualités morales et leur littérature*, Maradan, 1808.
- HALEY, Alex, *Racines*, J'ai Lu, 1976.
- HECTOR, Michel; DORIGNY, Marcel, «Un Hommage à Gérard Barthélemy, un ami d'Haïti», *Revue de la société haïtienne d'histoire et de géographie*, n.º 236, Janeiro-Junho 2009.
- HOCHSCHILD, Adam, *Les Fantômes du roi Léopold. La terreur coloniale dans l'État du Congo (1884-1908)*, Texto, 1998.
- HOLIDAY, Billie, *Lady Sings the Blues*, Parenthèses, 1956, 2002.
- HOPQUIN, Benoît, *Ces Noirs qui ont fait la France*, Calmann-Lévy, 2009.
- JÉRÉMIE, Joseph, *Haïti et Chicago, de Saint-Marc à Saint-Charles, Missouri*, Henri Deschamps, 1950.
- KESTELOOT, Lilyan, *Histoire de la littérature négro-africaine*, Karthala, 2001.
- KING, Martin Luther, *Autobiographie*, Bayard, 2008.
- KI-ZERBO, Joseph, *Repères pour l'Afrique*, Panafrika/Silex/Nouvelles du Sud, 2007.
- KI-ZERBO, Joseph; TAMSIR NIANE, Djibril, *Histoire générale de l'Afrique*, vol. IV, Présence africaine/Edicef/Unesco, 1991.
- KOECHLIN, Stéphane, *Jazz Ladies*, Hors Collection, 2006.

- KOM, Ambroise, *Mongo Beti parle*, Homnisphères, 2006.
- LANGANEY, André; HUBERT VAN BLIJENBURGH, Ninian; SANCHEZ-MAZAS, Alicia, *Tous parents, tous différents*, Muséum national d'histoire naturelle, 1995.
- LARA, Oruno D., *Mortenol ou les infortunés de la servitude*, LHarmattan, 2001.
- MALAURIE, Jean, *Ultima Thulé*, Bordas, 1990.
- MALCOLM X, *Le Pouvoir noir*, La Découverte, 1965.
- MANDELA, Nelson, *L'Apartheid*, Minuit, 1965, 1985.
- MANDELA, Nelson, *Un long chemin vers la liberté*, Fayard, 1995.
- MARAN, René, *Batouala. Véritable roman nègre*, Albin Michel, 1921.
- MARGOLICK, David, *Strange Fruit*, Allia, 2009.
- MASON JR., Julian D., *The Poems of Phillis Wheatley*, 1966.
- MICHEL, Marc, *Les Africains et la Grande Guerre. L'Appel de l'Afrique (1914-1918)*, Karthala, 2003.
- MOULIN, Jean, *Premier Combat*, Minuit, 1965.
- NIANG, Mangoné, *La Charte du Kurkan Fuga. Aux sources d'une pensée politique en Afrique*, LHarmattan, 2008.
- NOËL, Erick, *Être noir en France au XVIII^e siècle*, Tallandier, 2006.
- OBAMA, Barack, *Les Rêves de mon père*, Presses de la Cité, 2008.
- OBENGA, Théophile, *L'Égypte, la Grèce et l'école d'Alexandrie. Histoire interculturelle dans l'Antiquité, aux sources égyptiennes de la philosophie grecque*, LHarmattan, 2005.
- ONANA, Charles, *La France et ses tirailleurs*, Duboiris, 2003.
- PASTOUREAU, Michel, *Noir, histoire d'une couleur*, Seuil, 2008.
- PHILONENKO, Alexis, *Histoire de la boxe*, Bartillat, 2002.
- REYNAUD PALIGOT, Carole, *La République raciale, 1860-1930*, PUF, 2006.
- RIVES, Maurice; DIETRICH, Robert, *Héros oubliés*, Frères d'armes, 1993.
- SALA-MOLINS, Louis, *Le Code Noir ou le calvaire de Canaan*, PUF, 1987.
- SCHOELCHER, Victor, *Esclavage et Colonisation*, introd. de Aimé Césaire, PUF, 1948.
- SCHOELCHER, Victor, *Vie de Toussaint-Louverture*, Karthala, 1982.
- SCHWARZ-BART, André, *La Mulâtresse Solitude*, Seuil, 1972.
- SENGHOR, Léopold Sédar, *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*, précédé de *Orphée noir*, PUF, 1948.
- SERBIN, Sylvia, *Reines d'Afrique et Héroïnes de la diaspora noire*, Sépia, 2006.
- SIMARD, Éric, *Rosa Parks, la femme qui a changé l'Amérique*, Oskar, 2007.
- SKOUMA, Freddy Saïd, *Le Corps du boxeur*, Pauvert, 2001.
- SMERALDA, Juliette, *Peau noire, cheveu crépu. L'histoire d'une aliénation*, Jasor, 2005.
- SULLIVAN, Otha Richard, *African American Inventors*, John Wiley & Sons, 1998.
- SULLIVAN, Otha Richard, *African American Women Scientists and Inventors*, John Wiley & Sons, 2001.
- TAUBE, Michel, *L'Amérique qui tue. La peine de mort aux USA*, Michel Lafon, 2001.
- THURAM, Lilian, *8 juillet 1998*, Anne Carrière, 2004.

- TOUMSON, Roger; HENRY-VALMORE, Simonne, *Aimé Césaire, Le Nègre inconsolé*, Vent d'ailleurs, 2002.
- WRIGHT, Richard, *Un enfant du pays*, Gallimard, 1940.
- WRIGHT, Richard, *Black Boy*, Gallimard, 1945.
- WRIGHT, Richard, *Haïku: cet autre monde*, La Table ronde, 2009.

AGRADECIMENTOS

Lucie Alves, Alain Anselin, Agnès b., Serge Bahuchet, Cécile Berger, Vincent Bessières, Pascal Blanchard, Claude Boli, Pascal Boniface, Anne Bosco, Jackie Vernon Boyd, Pascal Brice, Philippe Broussaud, Jacques Bungert, James e Laurence Burnet, a equipa de B. World Connection, Olivier Cachin, Juan Campmany, Martine Castro, Yves Coppens, Christine Coste, Thierry Demaizière, Paul Demougeot, Hugues Després, Rokhaya Diallo, Cheick Modibo Diarra, Doudou Diène, Cheik M'baké Diop, Louise-Marie Diop-Maes, Yandé Christiane Diop, Marcel Dorigny, Elsa Dorlin, Laurent Dubois, François Durpaire, Patrick Estrade, Mireille Fanon-Mendès France, Mostafa Fourar, Muriel Gauthier, Martine Geiger, Henriette Girard, Édouard Glissant, Dieudonné Gnamankou, Alfons Godall Martinez, Olivier Guilbaud, Catherine Guilbaud, Jean-Claude Guilbaud, Mary Ann Hennessey, Stéphane Hessel, Evelyne Heyer, Ninian Hubert Van Blyenburgh, Rachel Khan, Serge Kotchounian, Richard E. Lapchick, Joan Laporta Estruch, Yannis Marian, Thierry Marszaleck, Stéphane Martin, Achille Mbembe, Elikia Mbokolo, Nathalie Mercier, Anne Meudec, Philippe Miclot, Edgar Morin, Rachel Mulot, Maguy Nestoret, Sylvie Ofranc, Josep Ortado, Sif Ourabah, Ghislaine Prévos, Pierre Raynaud, Christophe Réthoré, Carole Reynaud Paligot, Maurice Rives, Anne Roussel-Versini, Marie Santiago, Isabelle Sauvé, Marta Segú i Estruch, François Sémah, Christian Séranot-Sauron, Sylvia Serbin, Jean-Claude Tchikaya, Alban Teurlai, Odile Tobner, Tzvetan Todorov, Dominique Valbelle, Jean-Louis Valentin, Gilles-Marie Valet, Françoise Vergès e a equipa da Maison des Civilisations et de l'Unité Réunionnaise (MCUR), Paul Vergès, Anna Vicente, Rafael Vila San Juan, Marga Villoria, Michel Wieviorka, Julia Wright, Gihane Zaki.

Obrigado ao Bernard pela paciência e por me ter escutado.
E muito obrigado a Lionel Gauthier... por tudo.

NOTA BIOGRÁFICA

Lilian Thuram nasceu na ilha de Guadalupe, em 1972. Jogador de futebol com amplo reconhecimento internacional, foi campeão do Mundo em 1998, campeão da Europa em 2000 e vice-campeão do Mundo em 2006, tendo ainda conquistado vários títulos ao serviço de diversos clubes.

Até 28 de Outubro de 2008, deteve o recorde de presenças na selecção francesa, agora em poder de Sandrine Soubeyrand, capitã da equipa francesa de futebol feminino.

Em 2008, Lilian Thuram criou a Fondation Lilian Thuram – Éducation contre le racisme.



**AS MINHAS
ESTRELAS NEGRAS**

foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso pela Guide,
Artes Gráficas, sobre papel Coral Book
de 80 g, durante o mês de Abril de 2021.